

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUÇAL E DO
ESTRANGEIRO

ASSIGNATURA

Moeda forte	PORTUGAL E COLONIAS	Franco de porto
Anno ou 24 numeros	28000	Trimestre ou 6 numeros \$650
Semestre ou 12 numeros	18300	N.º avulso ou pago à entrega \$120
ESTRANGEIRO UNIÃO GERAL DOS CORREIOS		
Anno ou 24 numeros	35000	Semestre ou 12 numeros 18500

1.º ANNO—VOLUME I—N.º 23

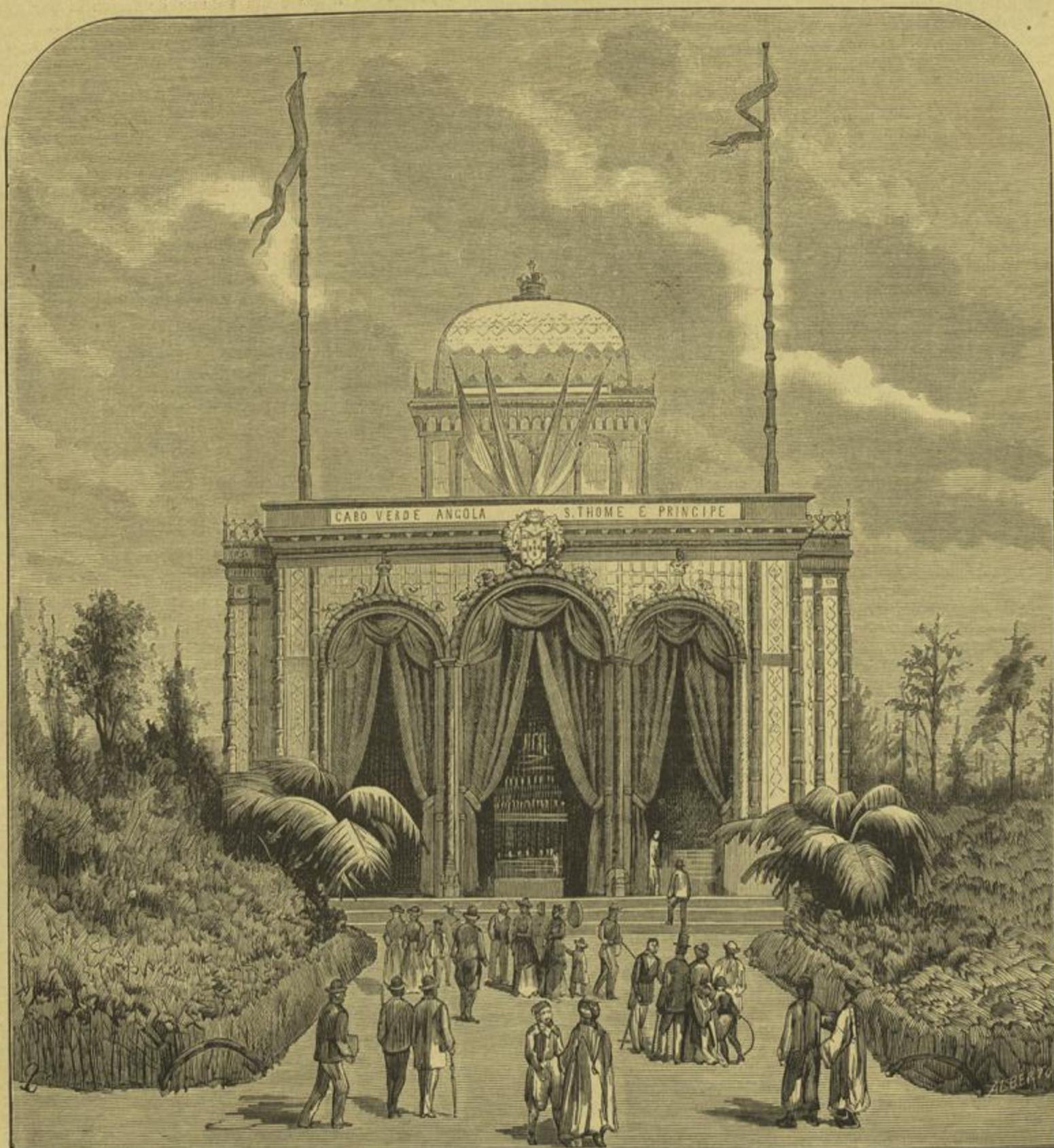
1 DE DEZEMBRO 1878

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.

Correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim J. Alves.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS EM 1878



PAVILHÃO DA EXPOSIÇÃO DAS COLONIAS PORTUGUEZAS NO CAMPO DE MARTE — (Segundo uma photographia)

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica occidental, GUILHERME D'AZEVEDO — As nossas gravuras — Delfim Guedes, Vice-inspector da Academia das Bellas Artes, ZACHARIAS D'AGA — Musicos judeus do Mogador, R. DA CAMARA — Exame das moedas de Siam, A. MARQUES PEREIRA — Notas Soltas, JACINTHO PERES — Onde está o ministro, CAMILLO CASTELLO BRANCO — Bibliographia.

GRAVURAS. — Pavilhão da exposição das colonias portuguezas, no Campo de Marte — Vista interior da galeria da exposição portugueza — Delfim Guedes, Vice-inspector da Academia das Bellas Artes — Musicos judeus do Mogador — Fachada da exposição da Belgica, na rua das Nações — Juan Oliva y Moncusel — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Se a ambição do leitor é por ventura possuir por um momento a pasta da justiça, mais facil será satisfazer-lhe tal desejo n'esta conjunctura do que proporcionar-lhe a narrativa de casos famosos e inesperados que a sua rasão não tenha já commentado ao almoço, possuido d'aquelle sangue frio com que todo o homem se costuma bater, não á pistola a 33 passos, como Gambetta se baten ha pouco com Fourto, u mas á ponta de guardanapo, á faca — com um beef.

— A Ristori partiu sem fazer despedida nos periodicos, nem repetir commovida no palco, levando o lenço á boca para afogar os soluços, aquelles versos com que tantos sopranos nos têm arrebatado os corações, e tantos tenores o habito de Christo:

Ao partir levo a saudade
Mimosa flôr que é só tua!

Simplemente partiu com attitude heroica, não a preocupando demasiadamente o juizo que o noticiario portuguez ficasse fazendo do seu merito. Todavia antes que na patria do grande épico surja outra figura artistica da estatura d'ella, teremos talvez de applaudir ás mãos ambas uma infinidade de mediocridades ruidosas, assistindo ao despontar de vinte mil genios pelo menos, desde o recinto de S. Bento até ao palco das Variedades!...

— Felizmente quando nos ia assaltando este pressentimento triste ouve-se ao longe uma gargalhada homérica. É Whittoyne o funambulo immortal que volve ao theatro das suas glorias. Eterna mocidade feita d'alvaiade e de carmim! Como o publico se levanta unanime para te saudar, truão generoso, no momento em que prestes a realizar o intermedio da pipa exclamas, arrebatado e commovido, viva Lisboa! viva Portugal!

Ah! suprema magnanimidade de palhaço! Se tu, semi-deus da pirueta, saltador do tremplin não te assemelhasses por ventura a esses funambulos do pensamento que passam a vida saltando d'astro para astro, fazendo jogos macabros no trapesio da phantasia, oh, o discurso que tu houvesse de fazer ao bom publico de Lisboa seria provavelmente bem diverso!

« Bom publico — dir-lhe-hias talvez; — seduzido um bello dia pelo risonho sol d'este clima abençoado e pela poesia da sua lua melancolica tão cantada por trovadores de boa fé, pensei que seria grato ao meu passado de funambulo, ir, mais tarde, n'um bello dia de outono, dormir o somno eterno e sosegado no cemiterio dos Prazeres, conduzido por uma d'aquellas segas mirabolantes que, puxadas por tres parrelhas espectraes, marchando entre duas alas de gatos tão pingados como phantasticos, constituem n'esta cidade de Lisboa a mais bizarra comedia da morte que um antigo cultor da gargalhada humana pôde por ventura ambicionar. N'esta louvavel intenção fundei os *Recreios* do meu nome, resultando de tal arrojio de phantasia, para cada um de nós, o seguinte: tu generoso publico ficares chamando tua uma instituição em que empreguei até ao ultimo penny ganho com a cal do meu rosto; eu de ter com 70 annos de idade, de dar 70 saltos e 70 bofetadas por noite a fim de ganhar aquella fatia de pão que nem os palhaços nem os reis obteriam facilmente, se por ventura se sentassem com toda a commodidade nos seus thronos, de sobrecasaca e chapéu alto, como a. s.^{as} ali estão, muito bem recostados n'essas cadeiras.

Portanto, viva Portugal! viva Lisboa! brado eu com esta boca fabricada expressamente de gesso e carmim para um tão commovente grito, mas no fundo d'alma não de permittir que lhes observe: oh, quem me dêra apanhar outra vez á unha o meu dinheiro!»

Mas nada d'isto disse o immortal Whittoyne, e se o pensou não é facil sabel-o por que as tristezas e as nostalgias de um funambulo tem demasiad o gesso em cima para que seja possivel advinhal-as!...

— Outro caso artistico que não pôde passar desaperecebido á chronica: a sr.^a Emilia das Neves a quem podemos chamar com justiça a primeira tragica portugueza, sem despertar rivalidades nem dar logar a que o chronista seja alcunhado de lisongeiro, acaba de ser reformada. Na arte a eximia actriz é uma individualidade consagrada, como o sr. duque d'Avila e de Bolama o é na politica: podem discutir em momentos de bom humor as suas distinctas qualidades, mas é aos dois que recorremos sempre quando desejamos ouvir bem do fundo d'alma, este supremo grito lancinante: *é elle o meu filho!* — ou então

este outro: *é elle, o meu pai!* Estando promptos ambos a dar a vida tanto pela arte como pelo reino, — quando n'isso não haja quebra de interesses.

O estado, reformando a sr.^a Emilia das Neves no posto de reliquia da arte nacional, simplesmente praticou um acto de justiça a que não pôde ser incensível a musa da tragedia quando, de mais a mais, lhe é facultado ficar no theatro dos seus antigos triumphos. O demonio era se o decreto da reforma vinha concebido nos seguintes termos: — Musa da tragedia portugueza, reformada e addida á companhia de veteranos dos Açores.

— Se a prima-dona De Giuli-Borsi será capaz de cantar o grande repertorio de Meyerber, ou se o distincto jurisconsulto o sr. Couto Monteiro será capaz de se haver com a partitura do registro civil que o sr. Barjona de Freitas não teve forças para executar, são dois pontos graves que o jornalismo portuguez tem discutido com certa insistencia nos ultimos dias. Em todo o caso para o repertorio que exige mais poder é mais inspiração parece estarem postos de parte, á ultima hora, tanto a sr.^a Brambilla como o sr. Barros e Sá. Pelo menos é o que se deprehe de da leitura quotidiana dos periodicos.

No theatro de S. Carlos annuncia-se a missa de Verdi, para de dia com illuminação a luz electrica. É uma terrivel concorrência ao Loreto mas devemos confiar em que os sentimentos catholicos da cidade serão bastantes para impedir que a maioria dos fieis se engane no caminho indo metter a mão na janella do bilheteiro em vez de a metter na pia da agua benta.

— A *Comedia de Lisboa* é um volume de trezentas paginas, formato elegante, bom papel, nitida impressão. Da maior parte dos livros publicados todos os dias, a todas as horas, a critica mais benevola não pôde em consciencia dizer muito mais, e justiça lhe seja, ao abrir-se n'um elogio de tal natureza a fim de lisongear a vaidade dos auctores, cohibe-se o mais possivel de os abrir, tanto a elles como ás obras, o que não me parece pequeno obsequio. A *Comedia de Lisboa* não pertence a este genero de livros. Por dentro possui muito mais atractivos do que por fóra. E á miniatura nitida da sociedade lisbonense, ou antes da sociedade portugueza, desenhada segundo os mais recentes processos litterarios, a traços seguros e firmes, por Gervasio Lobato, um artista de talento, verdadeiro e moderno, que possui como poucos o sentimento do colorido e a sciencia da perspectiva.

Pôde haver quem duvide do bom gosto da chronica, depois d'ella ter a respeito do sr. duque d'Avila e de Bolama e da sr.^a Emilia das Neves, uma opinião que não é licito manifestar quando se trata de semi-denses, entregue porém ao juizo do leitor d'espírito, a *Comedia de Lisboa*, pôde ser que n'este ponto pelo menos a nossa opinião venha a conciliar-se.

— Visto acabarmos de entrar nos dominios risonhos da arte, façamos uma rapida menção da *Renasença*, elegante publicação que no iv fasciculo, recentemente publicado, traz o perfil biographico de João Penha, o poeta pagão do *Vinho e Fel*, e de tantos sonetos famosos como aquelle que começa assim:

Hontem no baile por fatal desgraça
Não foi de vinho que fiquei replecto;
Mas d'esse immenso, arrebatado affecto,
Que as almas vence, e os corações enlaça.

Feriu-me como o raio, quando passa,
Fere no monte o solitario abeto:
Agora vivo d'esse amor secreto
Eil-a quebrada, a generosa taça!

Esta biographia é escripta por Gonçalves Crespo, o poeta atheniense das *Miniaturas*. Pôde acontecer que eu trocasse os epitotos, chamando pagão a um, em vez de o chamar a outro, isso porém pouco importa. A biographia de João Penha é uma filagrana deliciosissima que faz honra ao supremo bom gosto do artista que a entreteceu. Louvemos Joaquim d'Araujo pela pericia com que sabe descobrir d'essas perolas inestimaveis.

— No momento em que hoje me dispunha a collocar o consolador ponto final no fim da chronica, chega-me a visita de um peregrino illustre que, não obstante ter caminhado mais de mil leguas, vem tão cansado como se viesse ali da rua Nova do Carmo, e tão alegre como se acabasse de um bom cavaco de amigos. Infelizmente em vez de chegar em pessoa, simplesmente chega em espirito. É Raphael Bordallo Pinheiro meus caros leitores, o caricaturista supremo do *Calcanhar d'Achilles* e da *Lanterna Magica*, uma das mais poderosas organizações artisticas de que eu tenho noticia, e que prosegue na sua missão civilisadora, fazendo a photographia dos factos e a caricatura dos ridiculos que deslisam pela rua do Ouvidor, com a mesma graça excepcional com que a fazia ha tres annos dos casos que deslisavam pelo Chiado.

No numero do *Besouro* que eu contemplo agora deparo com muitas physionomias conhecidas. O maestro Noronha; o dr. Zeferino Candido, fazendo uma conferencia sobre o methodo de João de Deus em frente do imperador do Brazil; o maestro Miguel Angelo, auctor do *Eurico*, profundo musico portuguez, aparando na couraça invulneravel da sua grande sobrecasaca os golpes que a critica joga á sua partitura querida: tanta gente nossa, emfim, que este caso me faz pensar n'uma cousa; se d'aqui a alguns annos mais, no paiz da fresca laranja as laranjas terão de apodrecer por já não haver cá quem as coma!...

AS NOSSAS GRAVURAS

PA. ILHÃO DAS COLONIAS PORTUGUEZAS, NA EXPOSIÇÃO DE PARIS

A gravura da primeira pagina do OCCIDENTE, representa hoje o nosso pavilhão das colonias levantado no recinto do Campo de Marte, e seguramente a parte mais notavel da secção portugueza na ultima exposição de Paris.

Além de ser gracioso como se vê, o aspecto exterior do pavilhão, a disposição interior era extremamente acertada, fazendo sobressair a excellente collecção de productos colonias expostos á admiração do publico, como testemunho da exuberante riqueza das nossas possessões d'além-mar. Os magnificos productos florestaes e agricolas, comprehendendo uma variada collecção de madeiras das mais bellas e raras qualidades, as gomas de variadas especies, d'Angola, Moçambique e Cabo Verde, a collecção d'oleos e sementes oleosas, as soberbas amstras de café e cana d'assucar, de S. Thomé e Angola, os productos mineraes, o coral, o marmore; e na parte respectiva á historia do trabalho, a collecção d'instrumentos agricolas, os productos ceramicos, os tecidos e outros variados artefactos da industria indigena; as collecções d'armas, muitas outras curiosidades em fim, imprimiam um aspecto pittoresco e ao mesmo tempo opulento á exposiçáo colonial portugueza que no seu director o sr. Luiz Corvo, encontrou uma vontade intelligente e decidida, posta com affino ao serviço d'uma boa causa, fazendo-a sobressair d'uma fórma notavel com extrema honra, tanto para as colonias como para a metropole.

Ao pavilhão das colonias e aos productos n'elle contidos coube uma parte importante das distincções e louvores conferidos a Portugal na ultima exposiçáo.

Que isto nos sirva d'estímulo para olharmos com mais amor e mais cuidado para aquellas longiquas regiões, que sendo as reliquias d'um passado de glorias, ainda podem ser tambem o manancial d'uma feliz prosperidade futura.

VISTA INTERIOR DA EXPOSIÇÃO PORTUGUEZA NO CAMPO DE MARTE

Depois de darmos a bella fachada Manuelina da secção de Portugal na rua das Nações reproduzimos hoje na nossa gravura a fachada interior levantada sobre a galeria que separava a exposiçáo portugueza da dos paizes baixos. Compunha-se ella de duas partes distinctas. A primeira formada por dois arcos, copiados do claustro dos Jeronymos, specimen d'esse estylo opulento e gracioso sem rival nos melhores modelos da renascença; a outra parte reproduzindo um fragmento do claustro da Batalha, tão nosso conhecido tambem e tão admirado por nacionaes e estrangeiros, como um dos mais opulentos specimens da architectura religiosa do seculo xv e xvi.

Esta fachada pelos seus caracteristicos especiaes assignalava-se como uma das mais originaes e mais dignas de admiração e de estudo que se levantavam no campo de Marte.

A FACHADA DA EXPOSIÇÃO DA BELGICA NA RUA DAS NAÇÕES

A fachada da exposiçáo belga tornou-se extremamente notavel, como uma das mais sumptuosas e mais caracteristicas que figuraram na rua das Nações na exposiçáo de Paris.

Construida com materiaes do paiz, entre os quaes predominava o marmore negro e a pedra avermelhada, sob a direcção do distincto architecto mr. Jaulet, mantinha o puro estylo dos castellos e velhos monumentos da Belgica, sem reproduzir, porém, nenhum em especial. As suas ornamentações opulentas e variadas imprimiam-lhe um cunho severo e ao mesmo tempo grandioso. No interior d'este edificio havia algumas divisões dignas de menção, entre as quaes o salão real, e outro destinado ao presidente da commissão belga; de resto todos sabem o valor dos productos que na secção d'este paiz deram testemunho da sua opulenta vitalidade e das suas grandes forças artisticas e industriaes.

JUAN OLIVA Y MONCUSI

Oliva y Moncusi, auctor do attentado que recentemente teve logar contra D. Affonso XII rei d'Hespanha, nasceu na pequena villa de Cebra, provincia de Tarragona em 15 de novembro de 1833. Seus paes eram uns honrados proprietarios e lavradores, e nada deixava advinhar nos precedentes do moço Oliva que elle viesse um dia a ser victima d'uma allucinação de tal ordem.

Seus paes chegaram a pensar um dia, quando elle tinha 10 annos, em dar-lhe uma educação litteraria esmerada, mas o moço Oliva mostrou-se rebelde sempre á disciplina do estudo que não se casava de fórma alguma com a altivez da sua indole: por fim intentou dedicar-se á escultura, que bem cedo trocou pela arte typographica, levando-o depois o seu genio irrequieto para o simples officio de tanoeiro, casando mais tarde contra a vontade de sua familia com uma rapariga de Valls de quem teve uma filha.

O seu novo estado social compellia-o ao trabalho, que mal suportava com os seus antigos habitos, rebeldes a toda a subordinação.

Nos ultimos tempos havia manifestado desejos de partir para a Argellia em busca de trabalho, chegando a pedir a seu pae a quantia necessaria para emprender a viagem, mas em vez de marchar para Oran, partiu para Madrid, aonde no dia 25 do mez de outubro ultimo

commetten na pessoa do rei D. Affonso XII o attentado conhecido de todo o mundo.

Se Oliva obedeceu a um sentimento de odio pessoal, ou se foi um instrumento passivo d'uma seita politica qualquer, da internacional ou do socialismo, não parece bem averiguado. Em todo o caso deve ver-se n'elle um d'esses fanaticos que em todos os tempos se pozeram ao serviço d'uma doutrina por que se apaixonaram, não trepidando em frente do cadafalso, nem vacilando perante a reprovação social e prejudicando sempre a idéa que loucamente pensaram servir com a arma homicida.

DELFIN GUEDES

VICE-INSPECTOR DA ACADEMIA DAS BELLAS ARTES DE LISBOA

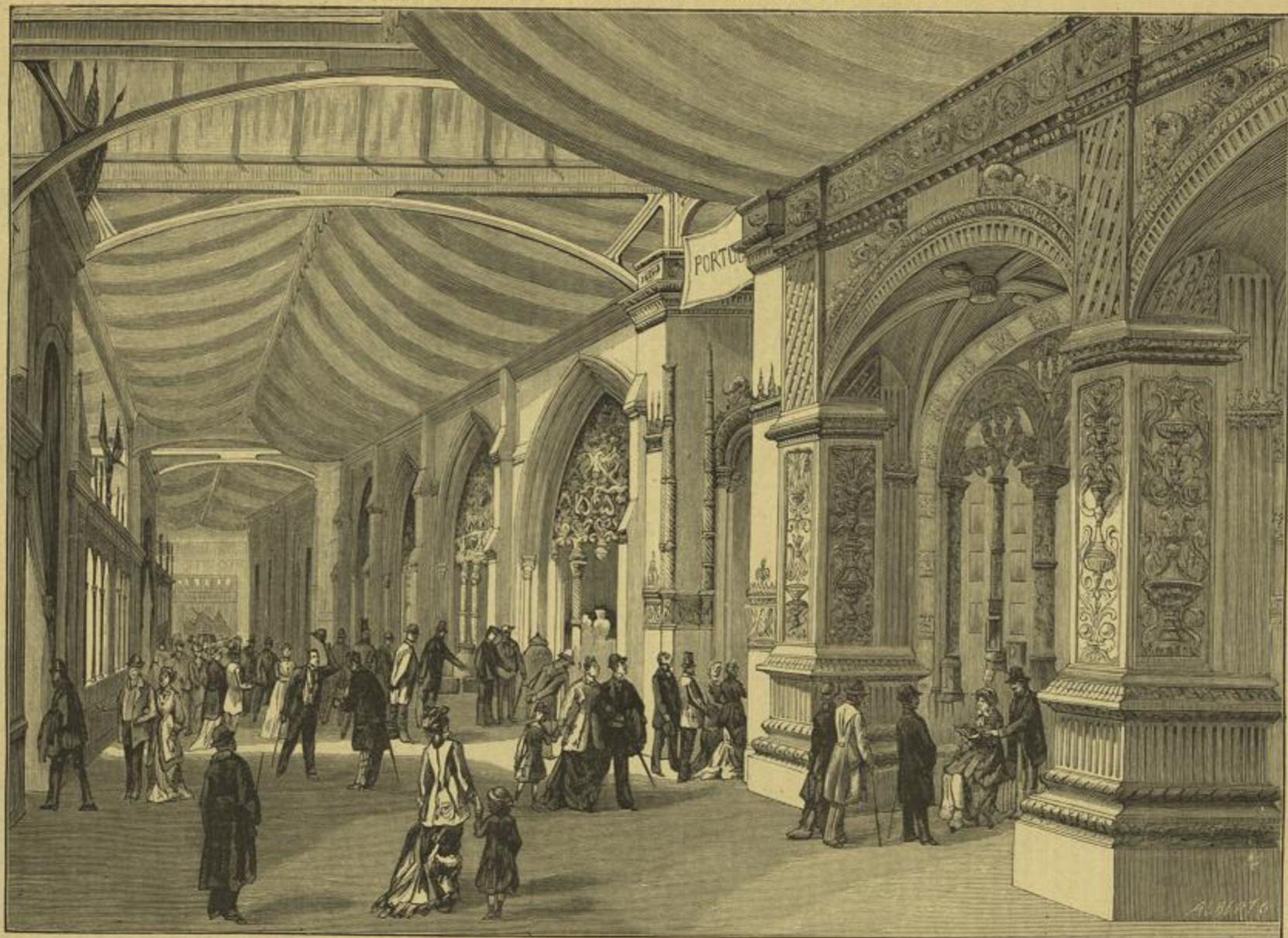
Ha poucos dias via-se reunida, n'uma das salas da Academia Real das Bellas Artes de Lisboa, a flôr dos nossos artistas, todos os professores e academicos de merito d'aquelle instituto, que tinham sido convocados pelo actual director e eminente pintor, o sr. Annunciaçáo, para receberem o novo vice-inspector, o sr. Delfim Guedes, que havia de tomar posse do logar para que fôra ultimamente nomeado.

Cultor e amator distincto das artes, já conhecido no pequeno mundo artistico de Lisboa, a quem abriu o seu magnifico atelier, onde concorreram todos os que se dedicam á pintura, e onde vimos formosos desenhos e aguarellas, o sr. Delfim Guedes, cujo retrato damos hoje, pertence a uma familia muito conhecida e estimada, e que nos annaes da administração da beneficencia publica occupa um logar distincto, pelos serviços que ali prestára um dos seus representantes, o fallecido 1.º visconde de Valmor, José Isidoro Guedes. Os factos continuam a provar que no seio da opulência, os individuos d'esta familia não se esquecem de que o trabalho, se é necessario para os pobres, é de obrigação para os ricos, e que, se para aquelles é apenas o meio de almentar a vida, para estes, isentos pelo acaso do nascimento do labor pesado e mal retribuido muitas vezes do operario, é o modo de prestar á sociedade os serviços que ella tem direito a exigir dos que, herdando dos seus antepassados largos haveres, educados nos primeiros centros scientificos, recebendo a flux de todos os lados os beneficios de uma adeantada civilisação, contrahiram, entrando assim na vida e no pleno gozo de todas as vantagens inherentes á riqueza, o dever imprescriptivel de procurar augmentar o peculio d'essa civilisação com os fructos do seu trabalho, da sua intelligencia e da sua illustração.

E se ha ramo da administração publica que careça de mais desvelos e de melhor direcção, se ha provincia do mundo intellectual que ande abandonada da graça dos poderosos, da protecção dos opulentos, da attenção dos estadistas, é por certo este principado das artes que tanto prazer, prestígio e esplendor costuma dar aos seus cortezaes, quando elles se chamam Pericles, Augusto, Francisco I, Carlos V, Leão X, Luiz XIV. Levantou-lhes a historia os seus monumentos, teculhes a poesia as suas corôas immortaes, mas não são menores nem menos glôriosos do que os historiadores e os poetas, aquelles que com o escopro e com o pincel fixaram e immortalisaram na tela dos seus quadros, no marmore e no bronze das suas estatuas, as grandes phisionomias historicas dos heroes, e os illustres feitos com que elles se honraram, e que representam as grandes epochas da historia da humanidade!

Coisa é para nos fazer pensar, como é que em Portugal as artes têm vivido em tal abatimento e obscuridade! Não nos faltaram nunca nem as riquezas artisticas naturaes, o clima, o céo formosissimo, os campos verdejantes, a paizagem alpestre, os horisontes indefinidos do mar que nos circunda, nem aquellas que a actividade e a ambição humana vão buscar, já aos seios reconditos da terra, já ás regiões mais remotas! Tivemos a Africa, a Asia, a America e a Oceania, o mundo, enfim, para nos inspirarem com o variado e deslumbrante colorido das suas arvores e flôres, dos bellos e ferozes hospedes das suas emaranhadas florestas, das suas donosas e innumeradas aves, que parecem ter crystallizado no variegado e brilhante matiz da sua plumagem todas as côres do arco Iris! Em tudo isto, no esplendor dos riquissimos e pittorescos trajos dos seus habitantes, e nos palacios phantasticos dos principes d'esses paizes, tiveram os olhos dos nossos antepassados assumpto por tal modo pittoresco e incitativo de commettimentos artisticos, que foi necessario uma singular obsecação do espirito, para não voltarem artistas d'essas terras onde se adorava o sol, que illuminava taes prodigios!

Se do espectaculo da natureza e da arte oriental nos voltamos para a contemplação da historia patria, que poemas, que proezas heroicas, que epopeias sublimes, cheias de tudo o que mais pôde levantar a alma e exaltar a imaginação, encontramos n'esse largo e brilhantissimo periodo de 150 annos, que na sua grandeza só foi igualado pelos romanos na epoca da sua maior prosperidade?! E, comtudo, onde estão as memorias d'esses feitos conservados na tela dos pintores, onde os retratos d'esses homens, d'esses gigantes, que encheram o mundo d'então com a enorme magnitude das suas emprezas e façanhas; onde estão conservados os vultos d'esses reis, d'esses navegadores, d'esses poetas, d'esses missionarios, d'esses sabios, d'esses capitães? Nem um possuímos, e, coisa pasmosa, viveram esses heroes, tão avidos de fama e gloria, que por ellas se esqueceram de nós, n'uma das quadras de maior gestação artistica que a humanidade tem atravessado, e quando enxameavam por toda a Europa os maiores artistas conhecidos, os Holbeins, os Ra-



VISTA INTERIOR DA GALERIA DA EXPOSIÇÃO PORTUGUEZA — (Segundo um desenho enviado de Paris.)

phaeis, os Migueis Angelos, os Ticianos, e tantos outros!

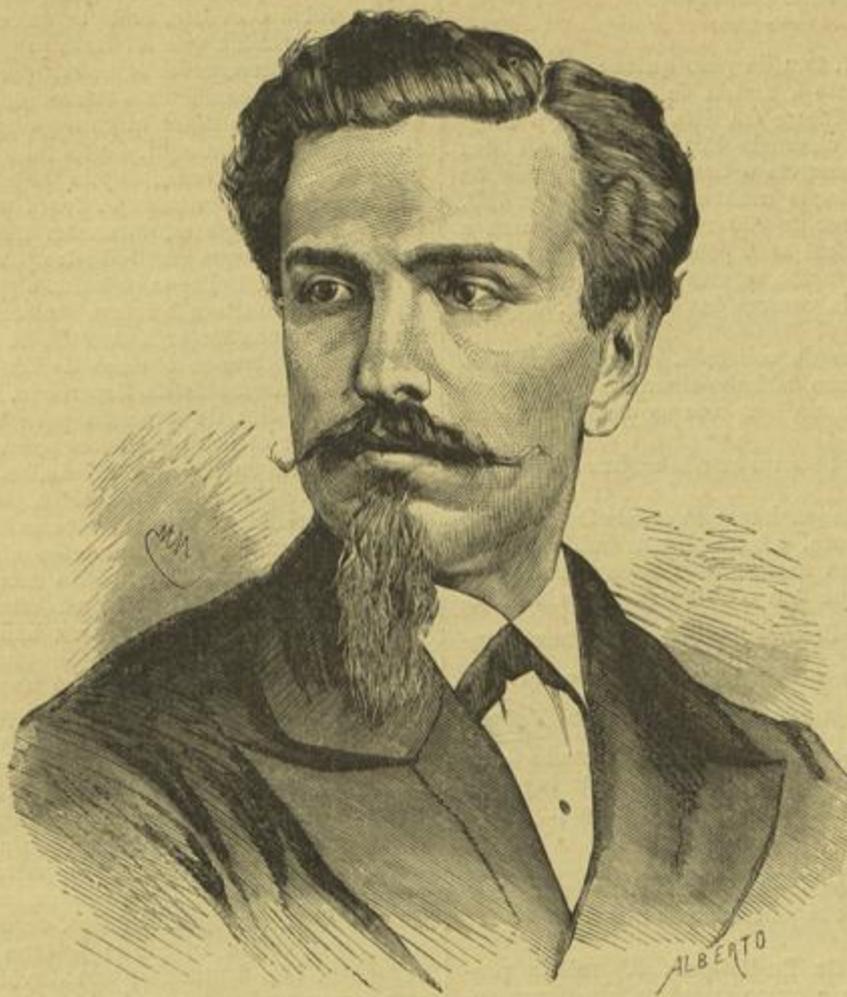
Singular e extranho factó é este! Arrebatou-nos a dominação hespanhola de 1380 as riquezas artisticas que possuíamos? Perderam-se as que ainda restavam na horrorosa catastrophe de 1755? Alguma verdade ha por certo n'estas supposições, mas que se fosse tudo, é o que não cremos, a não ser que esse tudo fosse bem pouco.

Das passadas grandezas, conservamos, por singular mercê da Providencia e não por cuidado dos homens, alguns quadros antigos que estão, uns na galeria da Academia Real das Bellas Artes de Lisboa, outros disseminados por differentes pontos do paiz, e todos á espera que a acção lenta mas implacavel da humidade, e os insectos, protegidos todos estes elementos de destruição por esta preguiça tão nossa, e pela ignorancia tambem nacional, consigam reduzil-os a pó, livrando assim, por uma vez, os ministros, os estadistas, os deputados, os jornalistas, os burocratas, das importunações e requerimentos d'aquelles que, como nós, têm o espirito tão acanhado e embebido em frivolidades e ninharias que chegam até a occupar-se d'estas coisas!

N'essas obras desconhecidas, ou, pelo menos, desprezadas, o que talvez é peor, ha o nucleo d'um musen de pinturas que não poderá desde logo hombraear com os primeiros da Europa, mas que, bem organizado e disposto em local apropriado ás exigencias de taes exposições, não fará de certo má figura aos olhos do visitante, porque lhe bastará a colleccção dos quadros da chamada Escola Portugueza, superior a outras do mesmo estylo d'alguns dos melhores museus, para lhe dar direito á attenção dos estudiosos e dos artistas que quizerem acompanhar o movimento progressivo da arte nas suas diversas manifestações.

Ao novo vice-inspector sabemos que não falta o gosto cultivado pelo estudo e pela contemplação das obras primas dos grandes mestres, nem a vontade firme de empregar todos os meios ao seu alcance para salvar de uma eminente ruina essas formosas reliquias da arte d'outras eras; e esses bons desejos que o animam, vemo-los partilhados por todos os artistas notaveis que constituem o corpo docente e a corporação dos academicos de merito. Se todos esses esforços forem acolhidos e aproveitados, como é de esperar, pelos altos poderes do Estado, a quem incumbe olhar pelo desenvolvimen-

to da instrução do povo, e attender ás reclamações que os seus delegados lhe fizerem, quando justas e fundadas no bem da nação, parece-nos que este momento que atravessamos é dos melhores auspicios para a arte portugueza, e, fazendo votos pela realisação das aspira-



DELFIN GUEDES — Vice-inspector da Academia das Bellas-Artes de Lisboa

(Segundo uma photographia do sr. Henrique Nunes)

ções de todos os artistas, saudamos com alvoroço a aurora d'este novo dia.

ZACHARIAS D'ÁÇA.

OS JUDEUS MUSICOS

DO MOGADOR

Do capitulo Os Judeus do livro no prelo

Viagens em Marrocos

«As paixões mais baixas da humanidade, são os traços característicos dos judeus de Marrocos. — O seu olhar é inquieto e atravessado, a sua physionomia tem alguma cousa de pouco nobre e brutal, difficil de diffinir, mas que desagrada e repelle. E' sem duvida a baixaza moral que se deixa ver. — Não têm de homens senão os instinctos inferiores e os appetites animaes.

Nada elevado pôde caber n'aquellas almas *metallizadas* que não têm outra paixão, nem outro Deus, senão o dinheiro — nem mais nem menos que os mesmos instinctos da raça de ha quatro mil annos.

Um dos insultos mais communs dos gaiatos mouros aos judeus, principalmente nas cidades do interior, como Fez e Mequinez, é o tirarem-lhes os barretes, com uns paús, no meio de uma apupada dos mouros que se divertem e riem com estas toças.

Os judeus, não tendo outro meio de evitar estas caçoadas, amarram o barrete com um lenço de chita de côr, dobrando-o em triangulo, por cima da cabeça e unindo as pontas por um nó debaixo da barba.

A gravura, de uma photographia, (*d'après nature*) cujo assumpto são uns *judeus musicos do Mogador*, dá uma perfeita idéa d'estes typos grotescos e curiosos.

Aquellas cabeças cujas barbas, pela maior parte, são farripas compridas e ponteagudas, com aquellas caras chupadas, com uns narizes aduncos, e uns olhos d'ave de rapina, dão um ar repellente, asqueroso e desagradavel a estas figuras.

Que imbecillidade n'aquellas physionomias, e que vingança a semelhantes ultrajes!

Pobres diabos! Os mouros consideram os judeus como um rebanho d'animaes, de aspecto repugnante, e que viciam o ar com as suas emanções, mas que é necessario deixar viver em troca de alguns serviços que lhes prestam.

Esta tolerancia é-lhes imposta pela necessidade. A maior parte dos que hoje habitam nas costas de Marrocos descendem dos que foram expulsos de Hespanha e Portugal, e os restantes dos desterrados de outros pontos da Europa, em differentes epochas da idade media.»



MARROCOS — MUSICOS JUDEUS DO MOGADOR

Gravura do livro no prelo, edição do sr. E. Chardron, Porto — Viagens em Marrocos

R. DA CAMARA.

EXAME DAS MOEDAS DE SIAM

OFFERECIDAS A SUA Magestade EL-REI

(Continuado do numero antecedente)

O tical é chamado em siamez *bat*, tem de peso quinze grammas e onze centigrammas e divide-se, quanto á moeda de prata, em quatro *salungs*, o *salung* em dois *fuangs*, o *fuang* em dois *song-páis*, o *song-pái* em dois *páis*. O *pái* é tambem chamado *siéu*, e o *song-pái* tem igualmente o nome de *sik*. — No commercio o tical mantem desde ha muito com a pataca mexicana a relação constante de 60 para 100. Dando a esta pataca o valor portuguez de 850 reis, decretado para a provincia de Macau e Timor, o do tical será pois de 510 reis.

A moeda de dois ticaes não tem nome especial, a de quatro denomina-se *tam-lung*. Uma e outra, ainda mesmo das modernas, apparecem no giro rarissimas vezes.

Tornando ao exame chronologico da collecção, encontrámos dois ticaes de Ayuthia, com o celebre e raro carimbo chamado *estampa antiga do lótos*, ou do lyrio d'agua, e mais tres com os carimbos d'esta

fôrma , cujos nomes se não conhecem. Alguns

d'esses ticaes são pretos, provavelmente por haverem estado longo tempo soterrados. — Não menos estimado e raro, e tambem attribuido ás eras de Ayuthia, posto que não lhe saibam marcar data mais restricta ou positiva, é entre os *salungs* aquelle que tem o carimbo chamado «Kra-chan», ou *estampa do elephante*, assim desenhado  Finalmente encontra-se, tambem de Ayuthia e entre os *salungs*, o que tem o carimbo propriamente denominado *estampa de Ayuthia*, por este modo 

Do periodo numario que toma por ponto de partida a fundação de Bangkok e a sua elevação a capital do reino, copiarei n'este lugar os carimbos, com indicação exacta dos reinados a que pertencem.

Ticaes:

 «Kra-sson», *estampa do tridente*, ou do emblema da realza. É de Piah-tak, vencedor dos birmanes e regenerador de Siam.

 «Kra-bua», *estampa do lótos*. — De Pu-tiot-pah, 1.º rei da presente dynastia. D'elle é tambem o unico *meio tical* de fôrma semelhante.

 «Kra-krut», *estampa do passaro legendario*, referido acima. — De Prah-lot-loy, 2.º soberano d'esta dynastia.

 «Kra-ken», *estampa do pavilhão real*. — Prah-nan-klau, 3.º rei da dynastia, tio do actual rei.

 «Kra-mong-kut», *estampa da corôa*. — Prah-chon-klau, 4.º rei da dynastia, pai do rei actual.

Como disse, os typos ou carimbos das moedas de prata menores que o tical foram (quasi sempre) differentes dos adoptados para o tical em cada reinado. Assim vemos, entre os *salungs* da collecção, afóra os que já mencionei, os seguintes:

 de Pu-tiot-pah, que renova o typo de um dos ticaes mais antigos,

 de Prah-lot-loy,

 de Prah-nan-klau,

 de Prah-chon-klau,

e distinctamente identicos os carimbos dos respectivos *fuangs*, *song-páis* e *páis*.

(Continúa)

A. MARQUES PEREIRA.

NOTAS SOLTAS

O RAPA TACHOS

Era em 1589. Havia quasi nove annos que
do *Escorial* a *onça refalsada*

depois de o ter astutamente preparado, déra o pulo, e cahira sobre a prêza que encontrára exhausta e quasi inanime. A primeira tentativa do prior do Crato fôra suffocada pelas armas do duque d'Alva, e pela activa perseguição do seu immediato, D. Sancho d'Avilla. A segunda inutilisara-a a imprudencia. A terceira, que parecia mais bem organizada e dirigida, ia por seu turno desfazer-se de encontro á resistencia tenaz da milicia hespanhola, ao systema de terror adoptado pelo archiduque Alberto, *cardeal da egreja*, e á indifferença ou medo, e talvez fanatismo do povo de Lisboa.

Sahira o prior do Crato, de Inglaterra, em direcção a Portugal, Acompanhava-o uma numerosa esquadra, commandada pelo ousado Drake, e guarnecida por quatro mil marinheiros e onze mil soldados, capitaneados por distinctos generaes inglezes; mas parece que por fatalidade vai á Corunha, onde se entretem alguns dias a destruir navios, de uma esquadra que ali fazia preparar Philippe II, para desagrar o desastre da invencivel armada, que o temporal e Drake haviam destrôado, e em combater e tomar inutilmente parte da cidade. Isto pôz naturalmente de sobre aviso o governo do reino, de modo que quando D. Antonio chegou aqui, achou tudo prevenido. Verdade é, desembarca em Peniche, que toma, depois de tenaz defeza, mas guia em direcção a Lisboa, por uma marcha lenta e demorada, que, as depredações e excessos dos inglezes, tornaram naturalmente prejudicial á causa do pretendente, porque a retirada dos povos cercanos da cápital, para dentro d'ella, deviam indispor os animos populares contra os novos auxiliares do rei, que outr'ora haviam aclamado. Para cumulo de infelicidade, Drake não pôde forçar a entrada da barra, defendida por dezoito galés. Emfim estabelece-se o cêrco de Lisboa: as tropas inglezas acampam por todo o arrealde da Esperança, até ás portas de Santa Catharina.

Foram dias de angustia para esta cidade, aquelles que durou o cêrco; terror dentro com a forca permanentemente alçada, terror de fóra, se os inglezes entrassem a cidade. Os prudentes afastaram-se para essas terras ribatejanas; os conhecidos por afeiçoados a D. Antonio, foram muito catholicamente mandados enforcar pelo reverendo cardeal archiduque Alberto, mui benigno vice-rei, sendo o primeiro D. Rodrigo Dias Lobo, tio do barão d'Alvito. No entanto apesar de tudo, o patriotismo portuguez se estava abafado, não estava extinto. Exemplo, a hecatombe de pescôcos apertados então em honra e gloria de sua magestade catholica.

Foi n'esta occasião que um homem conhecido pelo seu genio folgassão, amigo da musica, tocador insigne, então muito apreciado, cujo nome não parece ande nas historias impressas, mas que encontrámos em memorias manuscriptas — Gonçalo Rodrigues, d'algunha o *Rapa tachos*, se lembrou de ir harpejar a sua sympathia politica, em patriótica serenata, fóra dos muros da capital, perante o pretendente. — Foi o inofensivo musico; e, ainda que a memoria que encontrámos o não diga, é natural que inglezes, e portuguezes da hoste de D. Antonio, e o proprio pretendente, gostassem, saboreassem e applaudissem o patriótico descante. Se elle foi só, se acompanhado, tambem o não sabemos; que voltou ao ninho paterno para descansar da entusiastica expansão, isso é que não tem duvida nenhuma: e tanto é isto certo, que o reverendissimo cardeal archiduque apenas o soube, mandou immediatamente apertar uma castelhanissima corda na garganta, que entoára as portuguezas endechas. Assim acabou o pobre Gonçalo Rodrigues o *Rapa tachos*, confundido, apesar da sua humildade, com os patriotas mais ou menos importantes, que a politica do cruel cardeal immolou nos altares d'esta patria. Por isso é bom que se saiba o nome do humilde patriota, e, nos certifiquemos da baixa ferocidade dos altivos dominadores de Portugal.

Pouco depois os inglezes retiraram, e com elles se esvairam as derradeiras esperanças do pretendente.

JACINTHO PERES.

ONDE ESTÁ O MINISTRO?

(Romance realista de costumes constitucionaes)

(FRAGMENTO)

CAPITULO I

— Que feitiços tens, linda! Trazes namoradas todas as serpentes do inferno biblico. Tens comido quanta fructa ellas te offereceram. Não ha sciencia que não saibas nem descendente de Adão que não seduzas. Elles comem quantos fructos lhes atiras do regaço sofraldado; já os tens achado que nem ás bolotas se recusam. Fazes javardos como Circe, uma de tuas avós, os fazia, e fazes parvos como outra tua avó, Eva, fazia rebeldes a Deus.

E a trigueira, debruçando-se no peitoril do mirante, atirava-lhe folhas de rozas, e dizia sorrindo entre velhaca e amorosa, com dengues de creada grave:

— Maganão! cuidas que não te percebo... Eu já não engulo araras. Falo-te em alhos, respondes-me em bugalhos. O que tu queres é passar tempo. Palanfrorio. Chiam todos a mesma cantiga. É como diz a mana Roza: «*estylo e mais estylo*.» Ella é que sabia responder a essas perlangas. Eu cá não apprendi a namorar pelos livros. Quando me mandam versos, mudo de rumo, e desconfio logo que me querem lograr...

— O que eu te disse, Amalia, não era verso — atalhou o estudante com ar de superioridade zombeteira.

— Bem sei que não — accudiu ella beliscada na vaidade do seu ouvido em materia de metrificação — até ahi chego eu. O Trigoso, um terceiranista que me fez a côrte, dizia-me: «*eu não faço versos; mas, se converso contigo, sou poeta sempre*.» O que elle dizia, mais cozido ou mais assado, era isso que tu me respondes, quando te pergunto se estamos a gastar tempo. Respondes-me com serpentes, cobras e lagartos do inferno biblico. Lérias. Queres que te diga, Tiburcio? Sou franca: perdes o tempo e o palavriado. Comigo não fazas comedia. Essas chi-

rinolas das novellas dizia-me o Caldeira que andavam ainda nò giro para uso das tolas.

— Quem era o Caldeira? pergunta a minha curiosidade.

— Era o namoro da mana Christina.

— Tens uma collecção de authoridades! O Trigo, o Caldeira, o Borges! Já me citaste um Rocha, um Velloso... tudo namoros da familia?

— É como dizes: tudo namoros da familia, mas sem macula de peccado...

— Cuidei que ias dizer «original.» Quantas meninas namoravam na tua familia?

— Oito irmans, que somos.

— E cada uma tinha seu namoro... — conjecturava elle, sacudindo a cinza do cigarro com o dedo minimo.

— De cada vez, achas que não?

— Não acho nem procuro isso, palavra de honra.

Perguntava eu se elles eram todos pessoas boas para largarem sentenças que te sirvam na regra de bem viver. Citas tanto a miúdo as maximas de Trigo, de Rocha de Borges e Caldeira! Esses sujeitos não eram asnos, ó Amalia? dize-me a verdade: esses sujeitos não eram asnos maiores da marca?

— Tanto não eram que quase todos são doutores de capello.

— Adivinhei então! — e ria-se ás guinadas batendo as palmas o farcista.

Olha que riso tem o homem! —olveu ella arrugando o nariz que era o seu respiraculo da zanga — Já o sr. Tiburcio da Gandarella adivinha que os doutores de capello são asnos! que faria se elle não fosse apenas um estudante de padre no seminario de Braga! Já viram? Estás bem farçola esta noite, ó Tiburcio.

— Não te escames, Amalia! — redarguiu o estudante da Gandarella, acendendo com afadistada pachorra o cigarro no palito phosphorico ao qual formava com a mão recurva um guarda-vento — Ó filha! tens sempre mostarda ingleza n'esse gentil nariz grego! Eu não sabia que estavas identificada aos capellos da Universidade, e que o teu coração era tão sensível á troça dirigida ao corpo cathedratico!

— Eu respondia-te — replicou ella agastada — se não viesse ahi o tio padre. Safa-te, anda depressa!

Ao fundo da rua dos Pelames tremeluzia o lampejo baço dos tres tocos de vela de um lampião pingado de covo. Na penumbra da lumeeira lugubre contornava-se a figura derreada de padre João Evangelista, amparado na bengala e resguardado da cassimba da noite por um guarda-chuva de seda vermelha com punho de marfim de roscas surradas e amarellas. Padre João sahia de tomar o seu chá com cavacas insopadas em casa dos srs. Avellares. Arrotava o cidrão que comêra a pedido da fidalga velha. Vinha receando quebra no aço do seu estomago, e, pondo a mão no bucho, perguntava-lhe se devia n'aquella noite abster-se das suas sopas de galinha e vaca para não attestar a tripa. Elle entendia que o homem, desde os gorgomilos por ahi abaixo até onde a physiologia o faz e desfaz, era tudo tripa singular e a todos os respeito unica. Já perto de caza, ouviu preferir o seu nome. Era a mulher do sapateiro Leonardo que lhe pedia uma palavrinha á parte.

— Dize lá, que temos, Maria? Depressa que faz frio.

— Vai indo, Joaquim — disse ella discretamente ao rapaz portador do lampião.

E segredou-lhe que a sobrinha estivera desde as sete até ás nove horas, no mirante, a dar trela ao estudante. Não queria intrigar viva alma; porém, teria escrupulo de não ter avisado o tio, se ella asneasse, que era o mais certo, por que o estudante já tinha deitado a perder a Garbulha da rua dos sapateiros, uma rapariga pura como as estrelas, apesar do que se rosou com o arcediogo, Deus o tenha á vista, um pobre velho — acrescentava quase lagrimosa — que morrêra inchado, que até era ella quem lhe esfregava as canellas com genebra, e lhe dava ás mezinhas, com licença d'elle padre João, que a ouvia anojado.

— Está bom, Maria — interrompeu o padre — darei providencias; obrigado pelo teu zelo. Adeus que está a giar.

Ainda não se disse que este romance começa em Braga; mas o leitor já o farejou na fragrança da scena que recende os aromas de todas as historias que ali principiam. Um padre que sahe de lampião de caza dos srs. Avellares é Braga por fóra, e um pouco por dentro no que respeita ao cidrão arrotado. Se se acrescentasse a isto que havia vozes alternadas entre portas e adufas entoando deplorativamente o terço, seria um pleonasm e um desperdicio de genio.

Ora, aquella menina que sustentou um colloquio aspero e, como quer que seja, desusado entre os sexos que se amam, era filha de um bedel da Universidade. Este homem, natural de Braga, procedia de paes fidalgos. Era filho segundo; mas, na estupidez, parecia morgado. Chegára até ao 3.º anno juridico; porém levava-lhe sete a la chegar. Em ferias do 4.º anno, amou a irman do padre João Evangelista Lopez, menina de bons costumes, que fazia os caldos substanciaes de que as ricas fibras mucosas do padre se urdiram, e não fazia mais nada, se não namorar com decencia e recato o academico Simeão de Queiroz, com quem cazou. A familia pô-lo na rua com 200\$000 réis de dote, e a maldição posthuma dos Teives e Queirozes Coimbras, seus avós, pela linha de Ordonho II. Foi um dia de lucto e horror; fecharam-se as janellas e amantaram-se de crepes as armas dos portaes das quintas. Um tio, ex-capitão-mór, que habitava o pardieiro solarengo de Negrellos, mandou dobrar a defuncto a sineta da capella, e borrou na arvore de familia o nome do sobrinho. Para provar onde conviesse que o marido de Apolinaria Lopes nunca tinha nascido, tentaram

subtrahir a folha do livro dos nascimentos allicciando o parochio. Alguns parentes affagaram a esperança de que o villão, refractario ao opprobrio, morreria de fome. Um velho coronel de milicias de Barcellos, que jazia entrévado, jurou que, se não estivesse tolhido, iria traspasal-o do peito ás costas com a sua espada; e, apontando para ella, podia dizer como Virgínio da filha quase polluida por Appio Claudio: «*Está pura!*» Toda aquella familia visigothica era uma pouca vergonha com abundancia de gritos e muitas lagrimas.

No entanto, Simeão de Queiroz, contente em sua pobreza, e banhado do nutriente luar que trazem as luas dos noivos, estava em Coimbra agenciando o officio de bedel com que já tinha enganado a fome o bom historiador da India Fernão Lopes de Castanheda.

Indemnisou-o a fortuna dos que muito amam, pela resignação com que elle, fidalgo e quase bacharel, aceitou o humilde cargo, dando-lhe em oito annos outras tantas filhas. Havia n'elle e na esposa um geito particular de se propagarem em meninas galantes, umas que vieram a ser alvas e loiras, outras morenas, de tranças negras, todas á competencia de belleza, consoante a physica e a methaphysica de cada admirador.

No decurso d'estes oito annos, o padre João Evangelista, que vivia da missa de 6 vintens e dos defunctos quando a irman cazou, metteu-se pelo caminho da fortuna sem deslizar do trilho da religião, com a sciencia da vida e da alma que lhe ensinára o padre mestre Larraga. Fez-se confessor e ganhou fama. Não dava férias á faina d'este essencialissimo sacramento. Abria as portas do céu e os alçapões do inferno a toda a hora, umas vezes com as chaves que lhe transmitira, mediante o principe dos apóstolos, a sublime victima da crueldade judaica; outras vezes, corrompendo a theologia cazuistica, abria as portas do céu com gazua, mettendo na bem-aventurança eterna gente impossivel. Como a idolatria transportára ao céu o burro de Sileno, havia pouco que espantar na longaminidade com que padre João fazia predestinados. Dizia elle, pondo os olhos no espaço, — e n'isso concordava toda a rua da Conega — que as trez irmans Moitas, suas confessadas e já defunctas, estavam inteiras na cova e inteiras no céu. Era uma das suas façanhas sobre o diabo; por que, tendo ellas sido uzurarias, enredadeiras, feias e concubinarias sacrilegas de frades do Populo, a final cahiram em si, de si cahiram para o peito magnanimo do seu pai espirital, e acabaram aureoladas de resplendores de Marius Egyptiacas, deixando ao seu confessor trinta mil cruzados em peças de D. Maria I e Pedro III.

A caza do padre João Evangelista era um ovo, diziam os seus emulos no confissionario, increpando-lhe a cubica. Padre Miguel asseverava que elle fazia asneiras em materia de penitencia, porque não sabia moral, e em todas as disciplinas ecclesiasticas dera de si o mais descompassado quadrupede. Padre Mathias, examinador synodal, chamava-lhe larapio simoniac, por que ladroava os bens mundanos explorando fraudulentamente as almas que, recommendadas por elle ao supremo juiz, baqueavam irremediavelmente no inferno. Entretanto, elle, imperterrito como todos os martyres da iniquidade, ia confessando, absolvendo e herdando de maneira que a sua caza já não era um ovo vulgar como o de Colombo; era um ovo de abestruz. Estava rico, rijo, encarnado, barriga panda mas compacta, estomago apenas moroso em esmoer cidrão e frigideiras; e, só á volta dos 62, sentira os primeiros rebates da gota no dedo grande do pé direito. Não tinha filhos. A este respeito dizia elle sem distincção de sexos, que era uma vestal. Padre Mathias aspirava uns froixos de riso sarcastico e gosmava: *a respeito de vestal que m'o venha dizer a mim, que fui seu discipulo. Fallem-me na Tamanca e na Margarida das Carvalheiras.* Tinham sido duas flores de latrina: a primeira resvalára da miseria ao charco; a outra, mais ingenua que as illustres romanas que punham mascara para se inscreverem nos bordeis, desceu do seu palacio com o bello rosto apenas velado de caracos, e prostituíu-se como as mulheres de Ezequiel aos frequentadores das alfurjas de Braga. Faz-se muita scena do Velho Testamento sem o ter lido. Affirmava o padre Mathias que entrára n'estes espectaculos em camaradagem patusca com o outro. Seriam confessores imperfeitos e espiões myopes da alma se não soubessem desfranzir os refégos do vicio, e esgaravatar com unha intelligente o latibulo do peccado no peito das penitentes.

Mais ninguém podia affirmar que padre João saboreasse o doce veneno da paternidade. De vez em quando vinham de Coimbra duas ou trez filhas de sua irman Apolinaria, e levavam á mãe a fatura de teias e chouriços que sobejavam ao confessor. Simeão affizera-se ao officio, vivia com certo desempenho, e era bem aceito ao reitor, seu parente em grão proximo. Além do ordenado de bedel, percebia bons salarios de solicitador de causas. Apprendêra a legislação com um fiel de feitos, a quem ensinou em troca o que sabia dos trez annos juridicos. Por pouco que o não inutilisava.

As oito filhas do bedel eram umas nymphas do Mondego que tinham mais direito ao verso hendecassilabo que as outras que

..... a morte escura
Longo tempo chorando memoraram.

Entre 1840 e 1850 não foi Lamartine subalterno a Coimbra que as não cantasse no estylo doentio de então. Solãos e madrigaes. Um ideal de castellans medievaes, com umas rimas tão perfumadas de Petrarcha que nem ellas tinham olfacto capaz de sentir o insidioso azote com uns bagos de myrra. Aquelles amores que viram penujar o buço do sr. doutor Pedro Penedo e.o.meu, se andassem cantados trinta annos depois, fariam zangarriar guitarras em fadinhos de uma melancolia sem

grammatica, sobre os bancos gordurosos da tia Maria Camêlla. Estes actuaes poetas da carne, inspirando as lagrimas e as caricias genuflexas do romantismo, diriam que as oito filhas do bedél eram um bouquet de flores paludosas, anemicas, chloroticas, e talvez esverdeadas das podridões modernas. Ora, os menestreis de aquelles dias cheios de luz sonora, e d'aquellas noites trinadas pelos rouxinoes do sinceiral, com quanto tolos felises e sinceiros, enxertaram as oito meninas em Shaskepeare. Um bardo triste como um mocho embalsamado quando versejava, e o mais devasso Trimaleião nas orgias da estalagem do Paço do Conde, rimou trez costaneiras de verso á mais velha das oito, e intitulou-as na estampa *O Livro de Julieta*. Elle, o Romeu, collaborava um d'estes annos atraz no Codigo Civil, e escrevia na *Gazeta dos Tribunaes* sobre aguas e laudemios. Havia uma *Porcia* que chegou a maridar-se com o presumptivo Bruto, que está no Tribunal de Contas á espera de occasião geitosa para morrer pela patria, como o outro. Uma d'ellas era *Ophelia*, justamente aquella Amalia que, ha pouco, a mulher do sapateiro denunciou ao padre João Evangelista.

C. CASTELLO BRANCO.

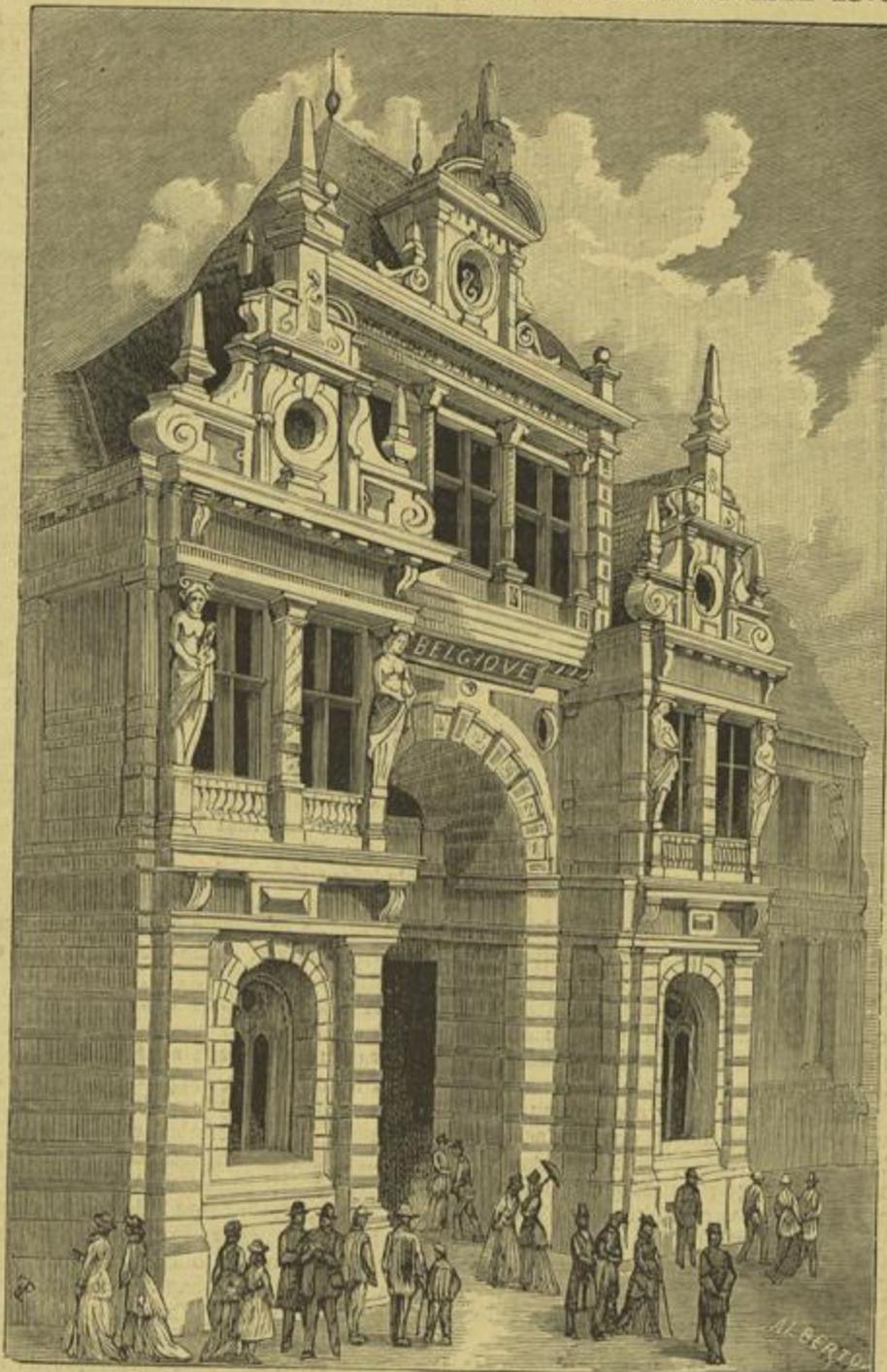
BIBLIOGRAPHIA

Diccionario Universal Portuguez — Director, FRANCISCO DE ALMEIDA. — Estão publicadas as quatro primeiras folhas d'esta obra, que, no seu genero e na nossa lingua, se pôde com verdade chamar monumental. Cumprido o programma, desenvolvido nas paginas já impressas e distribuidas, o *Diccionario Universal Portuguez* será uma das publicações mais arrojadas que entre nós se têm emprehendido. O seu intelligente e infatigavel director, e os collaboradores distinctos que o auxiliam,



JUAN OLIVA Y MONCUSI—Auctor do attentado contra D. Alfonso XII, em 25 de Outubro de 1878

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS EM 1878



FACHADA DA EXPOSIÇÃO DA BELGICA NA RUA DAS NAÇÕES
(Segundo uma photographia)

são garantia sufficiente do grande futuro reservado a uma obra d'este tomo. As assignaturas recebem-se na rua do Norte n.º 92, Lisboa.

Vozes no ar — *Versos de João de Barro* — Bahia, *Imprensa Economica*. — Um volume como este que temos presente folheia-se sempre com agrado. Sente-se prepassar por elle o abrazado sopro dos tropicos, aquella briza perfumada e cariciosa a que se tem embalado a alma de tantos sonhadores de além-mar. O Brazil, pelas suas condições climatologicas especiaes, tem de ser mais uma terra de poetas do que de pensadores, e a natureza da sua poesia inspirando-se na luz das suas refulgentes constellações e no murmuro das suas grandes florestas, será sempre apaixonada e romanesca como os canticos da musa inspiradora de Alvares d'Azevedo e de Castro Alves. Eis aqui por que a moderna phase que hoje assoberba os espiritos do velho mundo não encontrou ainda no Brazil cultores apaixonados e decididos.

Nas *Vozes no ar*, revella-se uma verdadeira vocação poetica, havendo verdadeira poesia, no sentido sentimental e vago d'esta palavra, nas 150 paginas que constituem o volume do sr. João de Brito. O auctor não se libertou ainda da poderosa tradição da muza que inspirou os cantos ardentos de tantos poetas notaveis do moderno romantismo brasileiro, todavia as *Vozes no ar* dão-nos eloquente testemunho de que no seu auctor ha um poeta de verdadeira inspiração e de verdadeiro talento.

O Ultimo Carrasco, por LEITE BASTOS — *Empresa Litteraria de Lisboa, rua Nova do Almada, 24*. — O auctor d'este livro é, entre nós o iniciador de um genero de litteratura que em França tem nos ultimos tempos feito a reputação e a fortuna de varios romancistas. Para cultivar com felicidade tal genero requerem-se muitas qualidades. Em primeiro lugar é preciso talento, depois imaginação, em seguida profundo conhecimento do seu meio, e dos conflictos intimos e pela maior parte ignorados da sociedade que nos rodeia. Todas estas qualidades possui Leite Bastos

em subido grão, e nos seus romances com feição puramente popular, os homens mais intelligentes e mais letrados encontrarão paginas deleitosas, capitulos reveladores, descrições de scenas que elles nunca suppozeram que existisse n'um tão pequenino mundo.

Livros assim não morrem cedo; ficam pelo contrario como repositorio d'uma grande variedade de factos que explicam muitas vezes uma epoca. Leite Bastos, emprehendendo fazer a historia dos crimes celebres portuguezes, n'uma série de volumes já dados á estampa, ou em via de publicação, não satisfaz simplesmente a curiosidade futil da maioria do publico, desenhou o retrato moral de uma sociedade que ainda até hoje não tinha encontrado nem o seu historiador nem o seu critico.

ENIGMA

ARKE

Explicação do enigma do n.º antecedente:

Quem má cama faz n'ella se deita.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

LALLEMANT FRÈRES TYP. LISBOA

6, Rua do Tesouro Velho, 6